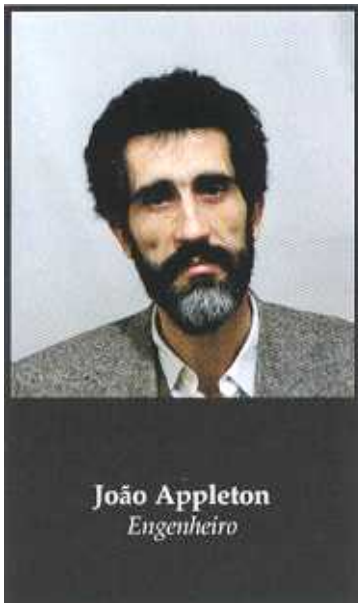


Quarteirão no Castelo de Lisboa:

Beco e Rua do Recolhimento



A intervenção decidida para o pequeno quarteirão delimitado pela Rua e pelo Beco do Recolhimento, no Castelo de S. Jorge, em Lisboa, no âmbito do Projecto Integrado do Castelo, uma das mais importantes operações de reabilitação urbana actualmente em curso, coloca algumas interessantes questões, dadas as características específicas dos edifícios envolvidos. Na verdade, trata-se de um quarteirão completo objecto de uma só intervenção, que parece deslocado no Castelo, dado que o muito reduzido porte dos edifícios, apenas com um ou dois pisos, transforma este conjunto numa espécie de ilha de província mesmo no coração da capital do País; esta circunstância específica, tão distintiva de muitos outros edifícios mesmo ali à beira, permite encarar com alguma tranquilidade uma reabilitação que, do ponto de vista estrutural, geralmente tão limitativo, não apresenta condicionamentos particulares, já que os sismos não parecem tão assustadores para tão pequenos edifícios.

Os edifícios. Sua constituição e estado de conservação

São edifícios construídos, ao que se sabe, essencialmente a partir do

século XVIII, embora não seja de excluir a sua origem anterior.

O trabalho de projecto iniciou-se naturalmente com o levantamento arquitectónico e estrutural e com a realização de um estudo de diagnóstico acerca do estado de conservação e segurança da estrutura, complementando uma avaliação quanto às condições de utilização dos diversos fogos e às características dos agregados familiares que os ocupam. Estes trabalhos permitiram ter uma identificação que se julgou suficientemente clara acerca das características construtivas do edifício e das suas condições de conservação, juízo que permitiu a definição, desde logo ao nível de estudo prévio, das medidas de intervenção de reparação, reforço e substituição de elementos danificados.

Estabeleceu-se assim uma filosofia de intervenção que veio a manter-se ao longo de todo o processo de elaboração dos projectos, segundo a qual se definia a preservação de todas as principais paredes de alvenaria ordinária (de pedra, por vezes miúda, mal argamassada) e a demolição generalizada dos pavimentos e coberturas de madeira, bem como de quase todas as paredes interiores, de frontal tecido e de tabique de prancha ao

alto.

Refira-se a propósito que, parecendo esta posição demasiado pessimista, ela veio a revelar-se, pelo contrário, ajustada, sendo mesmo necessário substituir algumas paredes quando estas, depois de removidos os rebocos, se revelaram muito mais degradadas do que a inspecção visual fazia prever; importa salientar a este respeito que as decisões tomadas pelos projectistas não foram apoiadas em qualquer trabalho experimental, baseando-se exclusivamente nos resultados da observação directa e no registo de anomalias, nomeadamente deformações de pavimentos e paredes, fendilhações de rebocos, sinais de apodrecimento de madeiras, etc.

A intervenção projectada

A intervenção projectada teve naturalmente como ponto de partida a necessidade de garantir condições funcionais e de segurança que recolocassem estes edifícios em condições de plena satisfação dos seus utilizadores, o que implicou, nomeadamente, algumas reorganizações espaciais e a criação sistemática de zonas de cozinhas e de instalações sanitárias. A recuperação do espaço de um saguão interior, entretanto ocupado por construções espúrias e o ganho de pés direitos de alguns compartimentos do rés-do-chão são também alterações arquitectónicas relevantes que vieram beneficiar de modo significativo a qualidade dos espaços interiores.

Do ponto de vista construtivo e estrutural a opção escolhida foi a de se recorrer a materiais e processos tradicionais, com naturais inovações que correspondem ao próprio sinal dos tempos. A madeira foi eleita como material estrutural fundamental, com ela se construindo pavimentos, coberturas e paredes "resistentes" e "não resistentes"; como na generalidade dos edifícios antigos as alvenarias continuam a desempenhar papel de relevo, tanto nas novas paredes "resistentes", de frontal tecido preenchido com alvenaria de tijolo maciço, como na recuperação e integral aproveitamento das paredes resistentes de alvenaria ordinária, conservadas e consolidadas

de modo a constituírem autênticos reticulados estruturais monolíticos, capazes de se comportarem como um todo.

Nos pavimentos recorreu-se a vigamentos de pinho marítimo, estabilizado em autoclave e imunizado contra ataques de fungos e insectos; o recurso sistemático a vigas com secção transversal constante e igual a 0.08 m x 0.16 m deriva da necessidade de normalização dimensional que significa economia de meios. Em zonas localizadas reforçou-se a estrutura de madeira com vigas de aço, solução que chegou a ser encarada também para a construção da estrutura de pisos de zonas húmidas, áreas onde o usual revestimento de soalho foi substituído por outros materiais menos sensíveis à acção da água.

Nas coberturas, sujeitas a algumas operações suaves de reconfiguração, destinadas a eliminar soluções pouco curiais e/ou a melhorar localmente as condições de habitabilidade do piso elevado, as estruturas de madeira baseadas no mesmo tipo de vigamentos antes referidos (constituindo asnas nas coberturas de mais de uma água) foram revestidas com uma "subtelha" de chapas perfiladas de aço galvanizado, constituindo base estanque à água para a aplicação de novos revestimentos de telha de canudo formando os tradicionais telhados com capas e canais de material cerâmico. Também a colocação de uma camada isolante térmica garante uma considerável melhoria do desempenho das novas coberturas, assegurando em conjunto com as outras medidas referidas níveis de conforto compatíveis com as necessidades dos utentes destes fogos.

A intervenção nas paredes é muito relevante e variada. Nas paredes mestras de alvenaria ordinária, por vezes de qualidade deficiente, objecto de diversas alterações anteriores, por vezes muito descaracterizadoras e até perigosas - o desbaste destas paredes para alargamento de espaços ou encaixe de mobiliário e equipamentos, por exemplo, era frequente -, sendo necessário proceder a reconstruções

e enchimentos à base de materiais idênticos; a constatação da existência de desaprumos de paredes exteriores, ou a fendilhação na ligação entre paredes ortogonais, evidenciando quebra de monolitismo e até eventual risco de colapso, levaram a que se tivesse previsto a execução de pregagens metálicas de ligação entre paredes, possibilitando a conservação dos desaprumos anteriores, eles próprios sinais evidentes da história e não comprometedores da segurança das estruturas, uma vez executados os respectivos reforços. Anote-se que algumas destas paredes tiveram de ter fundações recalçadas, na sequência do rebaixamento da cota de certos pavimentos térreos; a existência de fundações quase superficiais, permitidas pelo pequeno porte dos edifícios e pela ocorrência a reduzida profundidade de solos aptos para fundações, obrigaram a esta delicada operação, realizada por pequenos troços e utilizando para o efeito betões ciclópicos, ou seja, materiais muito semelhantes às alvenarias existentes.

As paredes interiores não preservadas, ou seja as que não eram feitas de alvenaria ordinária, foram classificadas em dois grupos, consoante eram ou não relevantes as suas funções de resistência a cargas verticais. Deste modo, as paredes que recebem cargas de pavimentos e coberturas foram projectadas em frontal tecido com o espaço entre os elementos de madeira preenchido com alvenaria de tijolo maciço tradicional tipo "baldosa"; as ligações entre as diferentes peças de madeira -



prumos, travessas e escoras - são samblagens tradicionais auxiliadas por pregagens.

Um segundo grupo é constituído por paredes de compartimentação que não desempenham papel relevante na resistência a cargas verticais; estes tabiques são constituídos por uma estrutura de madeira semelhante à antes descrita mas mais simples em termos de técnicas de ligações e os espaços entre elementos de madeira são simplesmente preenchidos com



Frontal não preenchido e sua ligação à cobertura



Pormenor de nó de frontal tecido

mantas de lã mineral que conferem às paredes o adequado nível de isolamento acústico.

Uma nota interessante e que merece destaque diz respeito ao "arranque" das paredes ao nível térreo; nestas zonas, mesmo perante pisos secos, não sujeitos à

acção de águas acumuladas superficiais, a experiência mostra que a humidade do solo é suficiente para que se acelere muito a deterioração dos elementos de madeira mais próximos da base, por acção de fungos de podridão. Para evitar tais situações criou-se na base destas paredes um soco de alvenaria hidráulica devidamente protegido da ascensão capilar da água do solo, a partir do qual se dava início à construção do frontal. Os revestimentos e acabamentos assumem-se igualmente como tradicionais, embora se tenha proposto o uso de rebocos de argamassa bastarda, com a camada final com composição mais rica em cal aérea, em vez dos também possíveis, e para alguns desejáveis, rebocos de argamassa de cal. A vantagem de as argamassas bastardas estarem mais testadas em laboratório e já experimentadas com sucesso em diversas obras pesou na decisão assumida no projecto.

Destaca-se ainda o uso, no interior, de revestimentos dos frontais com painéis de gesso cartonado, em vez dos mais tradicionais estuques sobre fasquiado de madeira; aqui foi a facilidade de execução, associada à possibilidade de se afastar o revestimento da estrutura do tabique, criando um espaço técnico para inserção de tubagens, a impor a escolha.

A caixilharia foi generalizadamente refeita mas mantendo as soluções de madeira, mesmo nas guarnições e aros de alguns vãos exteriores, e geometrias, apenas pontualmente melhorando localizações quando tal se revelava manifestamente conveniente.

Naturalmente, as diversas redes e instalações, de abastecimento de águas, de esgotos residuais pluviais e domésticos, de gás, de electricidade e de telefones, foram inteiramente refeitas, tão incipientes e obsoletas eram as comodidades existentes, havendo então a oportunidade de criar instalações seguras e funcionais, simples mas respeitando todas as modernas exigências.

Conclusões

A intervenção projectada para este

pequeno quarteirão e cuja execução se aproxima da fase final de acabamentos, revelou-se uma experiência muito interessante, sobretudo porque veio tornar clara a possibilidade de se pensarem recuperações do património habitacional histórico subordinadas a uma lógica pouco habitual, em que à suavidade das soluções propostas se soma uma grande preocupação de requalificação urbana, arquitectónica, construtiva e estrutural, no respeito profundo mas não reverente pelos materiais e técnicas tradicionais.

É apenas necessário que projectistas e construtores olhem de forma mais positiva e menos complexada para os materiais e técnicas tradicionais, hoje infelizmente tão desprezadas mas que afinal serviram para construir milhares e milhares de edifícios com uma eficácia comprovada por centenas de anos de vida e de uso. A humildade de encarar esses edifícios e os seus materiais constituintes com um olhar de curiosidade que precede a compreensão e a disponibilidade para estudar temas de que as escolas têm andado arredadas são os passos seguintes no trilhar de um percurso em que se chega ao fim com satisfação e com tranquilidade. ■

FICHA TÉCNICA

Promotor da Obra - Câmara Municipal de Lisboa - Projecto Integrado do Castelo

Projectistas

Arquitectura

Arq. Luís Moreira;

Arq. António Garcia

Estruturas - A2P Lda

Águas, Esgotos e Gás

Eng. Helder Tiago,

Eng. António Almeida

Electricidade e Telefones

Eng. António Almeida

Levantamentos - Aprojor

Construtor - Meliobra

Fiscalização - Tecnoplano